

**UM GRAFITE NO LUGAR. ANÁLISE ESPACIAL DE UM GRAFITE NO
BAIRRO DE VAZ LOBO – RIO DE JANEIRO**

A GRAFFITI IN PLACE. SPATIAL ANALYSIS OF A GRAFFITI IN THE NEIGHBORHOOD OF VAZ
LOBO – RIO DE JANEIRO

Renan do Nascimento Barata Antunes

Doutorando em Geografia – UERJ

Professor da Educação Básica no Estado do Rio de Janeiro

geografia.renan@hotmail.com

Resumo

O grafite é uma expressão recorrente no espaço urbano. Toda movimentação dos agentes dessa arte têm um objetivo bem delimitado e geram um resultado na paisagem da cidade. A relação do grafite com o lugar pode revelar diversas facetas do artista em questão, que utiliza os espaços dos bairros, às vezes de sua origem, às vezes de origem daqueles que transitam, para expressar as mais variadas manifestações artísticas do grafite. A relevância do lugar pode ser um fator que justifica a atuação de um ou mais grafiteiros na cidade. Inúmeros bairros do Rio de Janeiro recebem manifestações cotidianamente e fornecem à geografia e a outras ciências um rico conteúdo a ser analisado, quantificado e qualificado. Neste artigo, escolhemos o bairro de Vaz Lobo, localizado na zona norte do Rio de Janeiro, e analisamos um grafite específico, cuja composição artística tem uma relação intrínseca com o lugar e cujo grafiteiro é originário e morador do bairro. Trabalhamos através do conceito de lugar, baseando-nos em autores que são referência no assunto, como Yi Fu Tuan (1975; 2013), Anne Buttimer (2015), Holzer (2003) e Cresswell (2014), que ajudam a enriquecer a pesquisa.

Palavras chaves: Grafite; Lugar; Rio de Janeiro; Vaz Lobo.

Abstract

Graffiti is a constant expression in urban space. Every movement of its artists has a well-defined goal and brings about different results in the city's landscape. The relationship between graffiti and place can reveal different characteristics of the artist, who uses the spaces of neighborhoods, sometimes their origin, sometimes the origin of those who pass by, to express the most varied artistic manifestations of graffiti. The relevance of the place may be a factor that justifies the activity of one or more graffiti artists in the city. Numerous neighborhoods in Rio de Janeiro receive these expressions on a daily basis and provide geography and other sciences with rich content to be analyzed, quantified and qualified. In this article, we chose the Vaz Lobo neighborhood, located in the north of Rio de Janeiro, and analyzed a specific piece of graffiti, whose artistic composition has an intrinsic relationship with the place and whose graffiti artist is originally from the neighborhood and still lives there. The concept of place is based on authors such as Yi Fu Tuan (1975; 2013), Anne Buttimer (2015), Holzer (2003) and Cresswell (2014), who help enrich the research.

Key words: Graffiti, Place, Rio de Janeiro, Vaz Lobo.

1. Introdução

Grafite e lugar possuem uma relação de sociabilidade intrínseca, expressando variados símbolos e significados em múltiplos espaços da cidade. O lugar é o espaço de primeiro contato do indivíduo com o mundo. É nele que as relações se iniciam, gerando graus de convivência, conflitos, tensões e relações que só o espaço público pode fornecer. São nos lugares que a sociedade constrói seus espaços de atuação primária em uma escala menor diante da imensidão do mundo em que habitamos.

O grafite, sendo uma ação essencialmente urbana, é encontrado em diferentes espaços e locais das metrópoles espalhadas pelo globo. As manifestações e pinturas são feitas em lugares das cidades sob a premissa de revitalização dos locais públicos e disseminação da arte urbana para a população em geral. A ação de grafitar significa tomar posse dos espaços públicos e se caracteriza como uma forma de comunicação entre os indivíduos que realizam a mesma prática.

São ações que se desenrolam através de diversos grupos, com pensamentos e ideologias profundas e que entendem os espaços públicos e a rua como um espaço plural e social onde toda e qualquer pessoa pode expressar-se. Nesse sentido, essas práticas podem ser encaradas como

uma “ocupação simbólica da cidade por meio de práticas comunicativas” (ARAÚJO; MARTINS FILHO; MARINHO, 2015). O grafite utiliza os espaços públicos, surgindo concomitantemente com o processo de urbanização. Envolve uma disputa simbólica entre os atores e grupos que estão espalhados pelos centros urbanos a procura de propagar suas manifestações artísticas.

Diversos locais podem obter a mesma manifestação e um lugar específico pode ter maior atenção desses artistas urbanos, fato que pode traduzir maior afinidade do indivíduo com o lugar ou apenas uma facilidade de difundir sua expressão. Alguns fatores vão determinar que um lugar em especial apresente uma certa quantidade de manifestação de grafite ou outras manifestação correlatas.

A geografia estuda os lugares e a relação espacial que os seres humanos possuem com os seus habitats de origem. A percepção através dos sentidos e as experiências com outros indivíduos são levadas em consideração quando se procura explicar essa relação aplicada ao conceito de *lugar*. Referências como Yi-Fu Tuan, Edward Relph e Anne Buttimer ajudam-nos a compreender essa dinâmica que há entre o ser humano e seu primeiro contato espacial com o mundo, o lugar.

Em se tratando da arte urbana, os lugares são alvos constantes de artistas, conhecidos ou anônimos, que utilizam os espaços das cidades para produzirem manifestações de variados estilos, cores e significados. Tais ações criam simbolismos que preenchem diferentes lugares e criam múltiplas paisagens dentro da cidade, um local de intensa reprodução do capitalismo e reunião de milhares ou mesmo milhões de indivíduos que contém, em seus mais variados espaços, manifestações de distintos significados e expressões artísticas. Assim, “grafites urbanos (pichação e grafite) são, na forma como são exercidos e no comportamento libertário de seus agentes, uma linguagem, além de artística, também política, que constrói novas significações dentro do espaço urbano e público” (PENNACHIN, 2003, p. 5).

O grafite, manifestação analisada neste trabalho, é uma expressão urbana que surge em solo internacional e é, posteriormente, importada, sendo ressignificada por artistas brasileiros e adotada por anônimos, que ocuparam e ainda ocupam espaços das cidades e registram sua arte através de latas de *spray*, rolinhos de tintas, contornos e cores, recheando os espaços com símbolos e significados. Oriundo da pichação com teor político que se inicia na década de 1950, o grafite tem desde essa década uma aproximação com a arte e com a música, gerando um modo novo de preencher os muros e outros lugares que compõem as cidades (MANCO, 2015). Segundo Celso Gitahy:

“O graffiti tem como suporte para sua realização não somente o muro, mas a cidade como um todo. Postes, calçadas, viadutos e etc. são preenchidos por enigmáticas imagens, muitas das quais repetidas à exaustão – característica herdada da pop art. Efêmero por natureza, vai da crítica social, como foi a fase de super-heróis, em que vários personagens de quadrinhos foram graffitados pela cidade, questionando a falta de sérias lideranças políticas no país, até complexos seres lembrados extraterrestres (ETs)” (GYTAHI, 1999, p. 16).

Na relação com o lugar, o grafite constitui-se como uma ação sobre a cidade em que um indivíduo ou um grupo de indivíduos atua cotidianamente. Através do improvisado, tem como alvo, muitas vezes em primeiro momento, os espaços de seu primeiro convívio e, possuindo um sentimento de pertencimento àquele lugar, ressignifica-o, alterando a paisagem e preenchendo-o de símbolos, que podem ser escritos, assinaturas ou desenhos. Essas manifestações alteram, significativamente, a paisagem e o lugar e, conseqüentemente, dão a eles significado e classificação.

O grafite tem a premissa da arte e da comunicação, mas possui, também, a intenção de revitalizar espaços e paisagens degradadas que se espalham por vários locais do meio urbano e impossibilitam o convívio socioespacial das pessoas que habitam a cidade. Juntamente com outras expressões urbanas, o grafite é uma manifestação social que gera dinâmicas variadas sobre o espaço urbano.

Na concepção da socióloga Glória Diógenes,

“os graffiti, os stencil, as pixações, os lambe-lambes ganham potência global como arte de rua, desenhando uma polifonia de movimentos que intervêm no mundo público e no mundo privado. Neste ínterim potencializam trajetórias artísticas, seja na apreciação do valor estético por espectadores, seja pela demanda de políticas públicas integradoras da participação popular (oficinas para jovens de periferia, por exemplo)” (DIÓGENES; ECKERT; CAMPOS, 2016, p. 14).

A arte urbana tem o papel de disseminar sociabilidades e potencializar indivíduos ou grupos na hora de apropriarem-se dos espaços públicos. Todo o espaço da cidade é um lugar, um local a ser habitado e que pode acarretar valor simbólico a uma pessoa ou um grupo. Na cidade do Rio de Janeiro, há variadas intervenções artísticas e grafites de que contêm leituras e significados diversos. Seus bairros expõem símbolos e significados que a geografia pode analisar a fim de enriquecer o debate acerca dos temas que versam sobre a geografia cultural, como a paisagem, o lugar etc.

Sendo assim, este trabalho visa a apresentar um grafite especificamente, exposto no bairro de Vaz Lobo, localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, e seu autor, indivíduo residente do bairro. A partir da manifestação e do debate teórico a respeito do lugar, campo de estudo da geografia, analisamos a importância dos símbolos ali expressos e os significados construídos através da arte realizada.

2. Concepções metodológicas de *lugar*

Dentre os diversos campos que se estudam na ciência geográfica, o Lugar possui uma importância significativa quando nos referimos ao primeiro contato do ser humano com o espaço. É nessa escala menor do espaço que o indivíduo começa sua interação com o mundo, a partir dos símbolos que o espaço fornece e dos significados que vão se construindo através da vivência de

uma pessoa ou de um grupo em um determinado lugar. No lugar que as relações iniciais se constroem e surgem os primeiros conflitos que só o espaço público pode ofertar.

Holzer (2003), ao citar Tuan (1979), reforça que o espaço é orientado e estruturado a partir do corpo humano. Jeff Malpas (2009 *apud* SEAMON, 2017, p. 157) sustenta que "é por meio de nosso envolvimento com o lugar que nossa própria humanidade torna-se real, mas é também por meio de nosso envolvimento que o lugar se forma em um sentido e um significado próprio". Através dessa interação formamos nossa identidade e conduta através do espaço, expressando nossos desejos e vontades. Porém, confluindo com outros indivíduos que podem apresentar as mesmas características e reivindicações do espaço, assim como nós.

Na concepção de Seamon (2017), há uma interação entre pessoas ou grupos para que haja construção de um sentido de lugar. Para o autor, "por meio de ações e encontros do corpo, as pessoas ou grupos contribuem para o sentido de envolvimento vivido e identificação com o lugar das pessoas ou grupos" (SEAMON, 2017, p. 158). O ser humano, ao desenvolver seus sentidos, esquematiza seu referencial espacial sobre um determinado lugar, registra cada ponto desse espaço e mapeia-o mentalmente, gerando amplo simbolismo, repleto de significados. Portanto, podemos dizer que o "lugar é um centro de significados construído pela experiência (Tuan, 1975 *apud* LEITE, 1998, p. 10).

Constrói, ainda, interações com outros indivíduos, gerando dinamismo espacial e relevância aos lugares. Através dos símbolos e significados, valida a corporificação sobre o espaço. Tuan (1975) argumenta que "com a audição, e particularmente com a visão, parece que exploramos ativamente o mundo além de nós e o conhecemos objetivamente" (p. 152).

Anne Buttimer (2015) atribui ao lugar diferentes dimensões: "simbólico, emocional, cultural, político e biológico" (p. 6). A autora alega que as pessoas possuem associações pessoais e sociais, situações construídas com base em interação e ligação com o espaço. Cresswell (2004) reforça que o ato de nomeação de um espaço faz dele um lugar, pois é construída uma série de afinidades e significados que são dados a esse espaço em questão. Nas palavras de Dardel (1990):

"O marco referencial é o próprio corpo e o suporte onde ele se instala: a casa da família, a vila natal, as colinas. A partir destas lembranças afetivas e imaginárias surge a linguagem geográfica, que exprime " ... as surpresas, as privações, os sofrimentos ou as alegrias que se ligam às regiões." (*apud* HOLZER, 2003, p. 119).

A construção dos significados perpassa os símbolos que o espaço e o lugar contêm. Os símbolos e os significados são criados e recriados pelas variadas sociedades humanas, pois "todo comportamento humano é comportamento simbólico e todo comportamento simbólico é comportamento humano" (WHITE, 1973, p. 355 *apud* CORRÊA, 2012, p. 135). O espaço, em especial, o lugar, fornece um conjunto de símbolos e significados que possuem polivocalidade, pois

podem expressar leituras distintas para os indivíduos que habitam ou acessam o lugar.

Os lugares podem expressar diversas formas simbólicas, apresentando, até mesmo, fixos e fluxos, características elementares da espacialidade (CORRÊA, 2012). Portanto, todos os lugares pelos quais transitamos ou que habitamos, ainda que trivialmente, possuem formas simbólicas que expressam diversos significados e geram múltiplos simbolismos no espaço.

Tais percepções dependem da atenção da pessoa ou dos conhecimentos que ela possui acerca do lugar. Para cada grupo ou indivíduo que reside no lugar, o espaço terá um significado específico. Ao deparar-se, em primeiro momento, com o lugar, as leituras daquele espaço serão diferentes e específicas de pessoa para pessoa ou de grupo para grupo (SEAMON, SOWERS, 2008, p. 45).

O lugar é um centro de significado construído pela experiência. O lugar é conhecido não apenas pelos olhos e pela mente, mas também pelos modos de experiência mais passivos e diretos, que resistem à objetificação. Conhecer plenamente um lugar significa entendê-lo de forma abstrata e conhecê-lo como uma pessoa conhece a outra (TUAN, 1975, p. 152, tradução nossa).

De acordo com Tuan (2013), os lugares possuem significados a partir das experiências e vivências das pessoas ou de grupos sociais. A construção dos significados está associada às experimentações e às sensações que os espaços oferecem, além da interação entre indivíduos que habitam ou que apenas transitam por esses locais. O autor reforça que “sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos” (TUAN, 2013, p. 224).

Para a maioria das pessoas no mundo moderno, os lugares estão em algum lugar na escala intermediária da experiência. Nesta gama, os lugares são construídos a partir de elementos como odores distintivos, texturas e qualidades visuais no ambiente, mudanças sazonais de temperatura e cor, como eles se parecem quando são abordados a partir da rodovia, sua localização no atlas escolar ou roteiro, e pedaços adicionais de conhecimento indireto como população ou número e tipos de indústrias. Dentro da faixa intermediária, os lugares são conhecidos tanto diretamente pelos sentidos quanto indiretamente pela mente (TUAN, 1975, p. 152, tradução nossa).

Para Relph (1976 *apud* SEAMON, 2008), os lugares são locais significativos de nossas experiências imediatas. São nesses espaços que o primeiro contato com o mundo acontece. Podemos dizer que o “lugar é primário porque é o fato experimental de nossa existência (CRESSWELL, 2004, p. 32).

A partir das experiências adquiridas de um determinado lugar, o indivíduo registra, em sua consciência, a espacialidade e a dinâmica que ele contém. Torna-se, assim, conhecedor do lugar, dos perigos que pode haver, de onde habitar e de por onde transitar.

Relph (1976) sugere que, quanto mais profundamente uma pessoa se sente dentro de um lugar, mais forte será sua identidade com ele. Portanto, podemos dizer que o lugar é uma experiência socialmente construída.

É nesses espaços que as experiências com o mundo e com outros indivíduos vão gerar significados na vida de uma pessoa ou de um grupo. O indivíduo habitual de um lugar tem o conhecimento e a impressão diferenciada daqueles com que entram em contato, seja transitando ou habitando de forma mais usual o lugar. Dependendo de sua presença em determinado espaço, leituras diferenciadas sobre ele serão feitas para classificá-lo.

A dinâmica espacial do lugar também vai gerar símbolos e significados que o tornarão único, diferenciando-o de outros. Os lugares podem ser socialmente construídos ou naturais e que apresentam atributos singulares na paisagem. O lugar socialmente construído, segundo Cresswell (2004), difere do lugar natural e pode apresentar características e uma determinada paisagem hoje e, posteriormente, exibir mudança significativa. O autor explica que, para ser um lugar socialmente construído, é preciso que haja significados e materialidade, construídos através das relações que as pessoas têm com o espaço e entre elas (CRESSWELL, 2004).

3. O grafite e o lugar

O grafite é uma arte urbana que expressa diversos contornos, formatos e cores, espalhando-se por toda a cidade e lugares fragmentados do meio urbano. A arte urbana, da qual o grafite é componente, origina-se de uma gama de expressões subversivas, inusitadas e efêmeras presentes na paisagem urbana. Essa paisagem, em determinado momento da história, passou a receber essas manifestações, que preencheram pontes, viadutos, fachadas e outros pontos relevantes que compõem o meio urbano.

Assim, o grafite, a cidade, a paisagem e o lugar entrelaçam-se em uma junção de símbolos e significados sobre a qual este trabalho se debruça. O objetivo é revelar a importância da arte urbana na concepção e na resignificação das paisagens, tendo os lugares como espaços de atuação na cidade.

O grafite nasce em metrópoles como Nova Iorque e Berlim, mas, rapidamente, espalha-se por diversas outras grandes cidades pelo mundo. No Brasil, essa arte urbana foi, inicialmente, incorporada por artistas plásticos brasileiros na cidade de São Paulo e, posteriormente, ganhou adeptos em outros locais espalhados pelo país (RAMOS, 1994). O Rio de Janeiro recebeu atuações mais intensas da arte urbana (pichação e grafite) a partir das décadas de 1970 e 1980 e, no que tange à pichação, exportou um estilo próprio de escrita a outras capitais.

Diferentemente da pichação, o grafite tende a utilizar uma sequência de cores escolhidas por seus autores e suas produções são desenhos ou assinaturas mais bem elaboradas geralmente,

expostos nos diferentes lugares de uma cidade. Ambas as manifestações utilizam diversos lugares das cidades como espaços de atuação das suas artes e manifestações. Assim,

“a cidade também promove uma espécie de reflexividade de imagens dissonantes. A rua, para os writers, atua na estatura do empírico, plano de experimentações, diferentemente da forma ampla e abstrata aplicada pelos planejadores urbanos que designam e projetam uma dimensão mais funcional de cidade. Quando se trata de estabelecer correlações entre arte e conglomerados urbanos, os writers em geral acenam ao termo rua, ao invés da dimensão de cidade aludida por outros agentes que compõem a cena urbana, incluindo os já mencionados – no caso, os críticos de arte, produtores culturais, peritos, galeristas e os próprios artistas considerados “de gosto” (DIÓGENES, 2015, p. 688).

Os lugares, espaços componentes de uma cidade, são áreas de atuação dos grafiteiros, que os escolhem de maneira subjetiva e com diferentes objetivos. Um grafite pode ser realizado para fins de revitalização do lugar ou apenas abrigar uma arte realizada por um indivíduo ou grupo. Ramos (1994) argumenta que o grafite se aproxima de um protesto “branco”, pois não há objetivo de agredir o espaço nem as pessoas que transitam sobre ele. Há diversos propósitos, que podem ser tanto chamar a atenção para o descaso da cultura do local como apenas melhorar o aproveitamento desses espaços.

Os atores que agem no espaço urbano são pessoas que vivenciam os espaços públicos, criando conexões com os locais onde colocarão suas intervenções, mesmo que de maneira temporária. Assim, podemos dizer que “as intervenções urbanas assumem uma importância significativa em especial para aqueles que questionam a suposta ‘liberdade’ que o espaço urbano oferece para ser apropriado pela vida cotidiana” (LOBO, 2018, p. 17).

Portanto, o lugar, no que se refere a um espaço público, é um local carregado de conflitos e tensões, mas também recheado de ideias, que podem ser dialogadas no intuito de construir um espaço adequado para seres de diferentes visões e opiniões que coexistem na cidade. A valorização do lugar disponibiliza uma série de efeitos positivos para o espaço em questão.

O grafite tem esse potencial de revitalizar um determinado lugar e trazer vida para um espaço. Essa manifestação fornece elementos que, aos olhos dos cidadãos, pode se tornar agradável de visualizar e contemplar. A arte urbana é um modo de manifestação, disseminação da arte, reivindicação e comunicação entre indivíduos. Dessa forma, o grafite pode criar um circuito de apropriação e manifestação das cidades, abrangendo maiores escalas e pode ter como consequência o ganho da notoriedade e valor artístico entre as camadas da sociedade que normatizam tais práticas, Moren (2009).

Contudo, não pretendemos fazer juízo de valor estético ou classificar o que é arte ou não arte quando estudamos ou analisamos a prática do grafite. O intuito deste trabalho é trazer a importância do grafite para o lugar e como o grafiteiro intervém em seu próprio espaço de convívio diário, aplicando sua ação enquanto artista urbano e habitante desse espaço.

4. Um grafite em Vaz Lobo (RJ)

Localizado na Zona Norte da capital carioca (figura 1), o bairro de Vaz Lobo é um local que se desenvolveu a partir do século XX. Antiga sesmaria de Campinho, a localidade possuía chácaras e apresentava aspectos rurais ainda no início do século XX. Com a chegada dos bondes, por volta de 1910, o bairro tem suas ruas abertas e inicia-se, então, o processo de urbanização com a construção de casa de alvenaria. Apenas ao final da década de 1970 é que o bairro tem suas ruas asfaltadas.

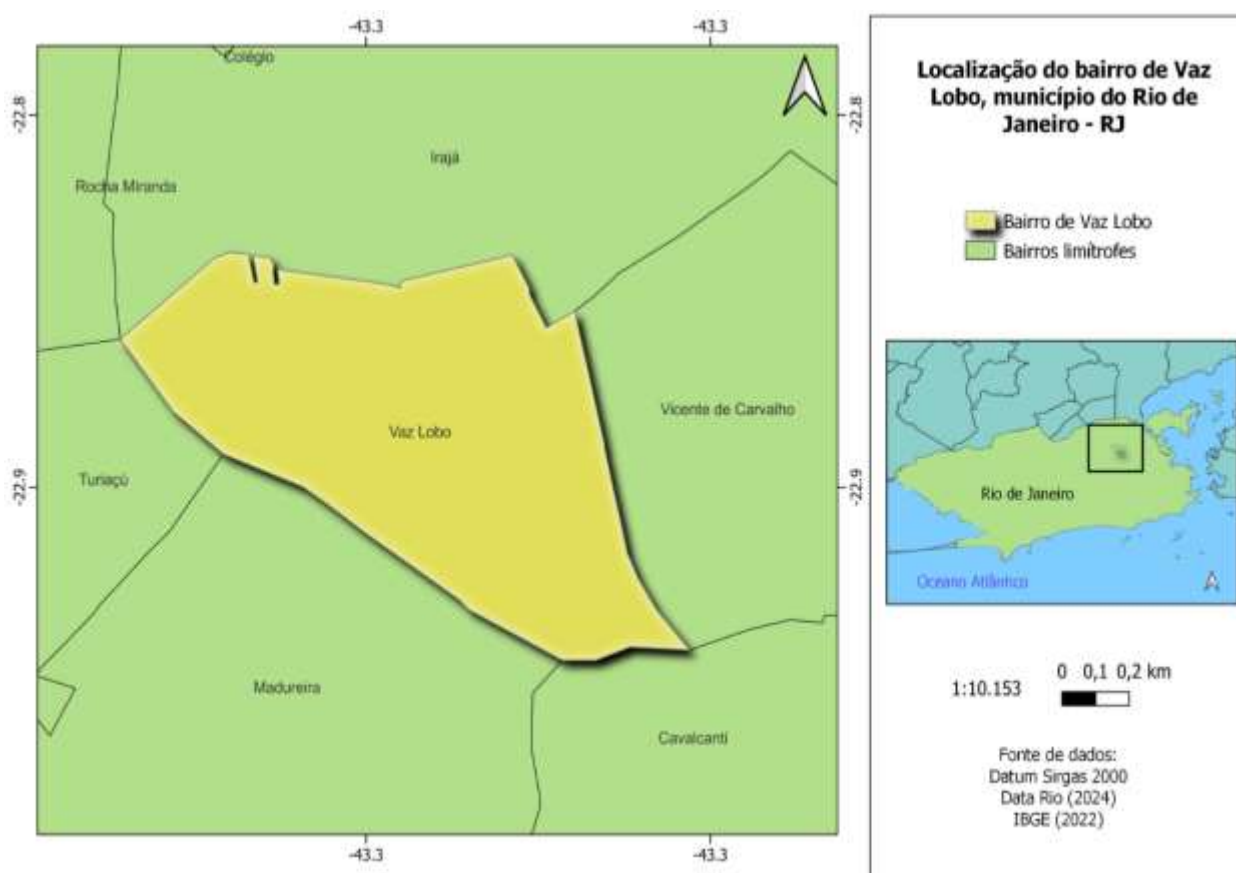


Figura 1. Localização do bairro de Vaz Lobo. **Fonte:** Elaborado pelo autor

O bairro possui localização privilegiada, pois encontra-se próximo ao subcentro comercial de Madureira e ao Carioca Shopping, um dos shoppings mais relevantes para a Zona Norte da capital fluminense. Com vasto transporte para diversas localidades, o bairro é cortado pela faixa do BRT (*Bus Rapid Transit*), que viabiliza o deslocamento dos moradores tanto para a Barra da Tijuca (Zona Oeste) quanto para o Aeroporto Internacional do Galeão (Ilha do Governador). Tal infraestrutura dinamiza a mobilidade do bairro, valorizando certos aspectos imobiliários e urbanos.

Como qualquer outro bairro dessa metrópole extremamente complexa e dinâmica que é o Rio de Janeiro, Vaz Lobo também apresenta, em seu espaço, diversas manifestações urbanas e artísticas do grafismo urbano. Tanto o grafite quanto a pichação estão presentes no bairro e enfatizam a presença de indivíduos que se deslocam pela cidade e deixam registros em paredes e fachadas, às vezes de maneiras muito bem escolhidas e, outras vezes, de maneiras despreziosas.

Sendo assim, apresentamos um grafite específico que lá se encontra e que foi realizado por um grafiteiro que é morador do bairro e o vivencia cotidianamente, reforçando laços com o lugar e com o subúrbio carioca. A experiência com o lugar pode ocorrer de diversas maneiras em diferentes momentos da história.

No caso deste trabalho, o intuito é apresentar o grafite como uma manifestação artística, subjetiva e comunicativa que dialoga com o lugar onde está localizado (Figura 1). O grafite está exposto na Avenida Ministro Edgard de Romero, importante via que liga outros dois bairros bastante relevantes para cidade, Madureira e Irajá. Ao transitar de ônibus, carro ou BRT, é possível ter uma boa visualização da arte produzida e da mensagem contida nela.



Figura 2. Grafite em Vaz Lobo (RJ). Autor: Lino339. Fonte: LINO339, 2023.

Através de relato do grafiteiro Lino, responsável pelo trabalho, o grafite fica localizado ao final de sua rua, parede paralela à avenida em que trafega o BRT. O artista relata que a escolha do local foi uma oportunidade de pintar em uma parede do seu bairro que havia sido reformada, estando com tinta branca, não para receber o grafite, mas apenas por conta que estava desgastada. Nesse sentido, o grafiteiro viu uma chance de registrar sua arte, que é uma de suas autorias e que ele realiza pelo espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro. Há em outros bairros da própria Zona norte da metrópole carioca demais manifestações desse autor, contendo diferentes desenhos e

leituras que se traduzem em uma movimentação dinâmica pelo espaço. A decisão de grafitar um local, para um grafiteiro, pode surgir de maneira despretensiosa ou através de uma análise mais atenta da localidade. Grafitar pode ter diversos objetivos, como por exemplo a revitalização do lugar ou a simples vontade do indivíduo em movimentar-se e ocupar um espaço.

Principalmente nas metrópoles há um circuito de valor estético/artístico em que muitos dos grafiteiros acabam se inserindo e fazendo dessa prática uma fonte de renda. Com o grafiteiro consultado não é diferente. Apesar de algumas pinturas sem qualquer acordo trabalhista, há algumas situações em que surge um trabalho remunerado em que grafiteiro seja pago pela sua arte. Na pintura selecionada (Figura 2) não houve qualquer tipo de vínculo de trabalho que levasse ao autor de realizar sua manifestação, apenas a vontade de expressar sua subjetividade e consequentemente alterar o visual da paisagem.

O grafite gera um resultado significativo para a paisagem do lugar no que tange o aspecto visual. Sobrepondo as paredes cinzas da cidade, o grafite revitaliza o local com diversos símbolos, compondo variados elementos que podem ser agradáveis aos olhos dos transeuntes da cidade.

Com sua extrema liberdade de expressão e de registro, pronuncia-se de forma democrática e descomprometida com qualquer limitação espacial ou ideológica. Evidencia-se com marcas, logotipos, rabiscos, ícones e símbolos, que separados ou reunidos, compõem determinadas significações que se dispersam e se agrupam, formando grandes painéis que registram nomes, sobrenomes, palavras de ordem, de amor e humor, mensagens, letras, imagens, poemas e provérbios, entre outros, configurando-se em segmentos sociais que podem vir a ser lidos por todos. Num tumulto de registros simbólicos e icônicos, vão pegando carona nos diferentes espaços urbanos, percorrendo a cidade e fazendo história. (CRUZ e COSTA, 2008).

Este grafite em questão teve necessariamente dois objetivos que se cruzaram. Uma oportunidade de grafitar uma parede com tinta branca e sem nenhuma intervenção e a manifestação do grafiteiro, que é morador do bairro e juntou sua arte com uma expressão afetuosa do lugar em que reside. Portanto, há a correlação entre a manifestação produzida e o sentimento do indivíduo para com o lugar ao qual possui sentimento, lembranças e o experiencia cotidianamente. Nesse sentido, o grafite produzido retrata não apenas uma simples produção da arte urbana carioca, mas como um conteúdo recheado de significados e símbolos que o próprio agente e as pessoas que habitam ou transitam pelo local compreendem quando o visualizam.

A relação do lugar com o indivíduo é fortalecida e expressada através do movimento que é a pintura urbana, pois o lugar não deve ser estudado através da sua forma ou função para ser compreendido em sua forma concreta, mas analisados através de uma série de elementos que contenham sentidos e impressos pelos usos através da afeição e pela prática espacial

Isto porque o lugar aparece como condição de realização da vida cotidiana o que envolve uma articulação espaço – tempo através dos usos do lugar. A relação entre habitante e a cidade através da vida cotidiana se realiza enquanto ação relacionada as possibilidades e os

limites do uso do lugar, num determinado momento histórico (CARLOS, 2017, p. 29).

O grafite tem esse poder de exprimir desejos, subjetividades e comunicação através da sua prática espacial e utilizando os lugares da cidade no processo de produção e reprodução da expressão. Esse grafite, especificamente enquadra-se na relação entre o agente o espaço de convivência afetiva com o espaço. Foi uma forma de estabelecer uma conexão entre um determinado indivíduo e o local de convivência cotidiana, que se localiza no subúrbio carioca.

5. Considerações finais

O debate sobre o lugar apresenta-nos uma série de fenômenos que podem ser explorados pela geografia, entre outras ciências humanas. Cada lugar no espaço geográfico apresenta dinâmicas bem específicas que são enxergadas de diferentes maneiras por aqueles que habitam determinado espaço e os que transitam por ele.

A relação com o lugar tem a ver com o quanto o habitamos, experienciamos e criamos a relações sociais nele. São nesses espaços que começamos a construir nossas subjetividades e as memórias que levaremos por toda nossa história como indivíduo habitante e transformador do espaço geográfico.

O grafite é um movimento na cidade que escolhe um lugar específico e altera sua paisagem, mesmo que de maneira efêmera. Os espaços públicos das cidades são locais de atuação de inúmeras intervenções do grafismo urbano, da pichação e do grafite. Ao atuar nos lugares, a paisagem sofre uma alteração no aspecto visual e confirma a presença humana naquele espaço.

No caso do grafite, pode haver uma ressignificação com intuito de revitalização de determinado espaço. Portanto, o grafite pode tornar-se uma associação positiva para o espaço, com grafiteiros daquela localidade ou de fora fornecendo elementos que determinam, ressignificam e ajudam a compor a paisagem urbana.

Sendo assim, ao relacionarmos o grafite com o lugar, podemos descobrir vínculos entre um determinado espaço e o agente modificador dele. As expressões podem variar de indivíduo para indivíduo, mas grafitar fazendo referência do lugar pode revelar o laço entre o grafiteiro e seu local de origem no espaço geográfico.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento no decorrer do processo da pós-graduação; a Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ por resistir e proporcionar um ensino de qualidade e importante para nosso estado e país. Ao programa de pós-

graduação em Geografia - PPGeo por contribuir de forma significativa em nosso desenvolvimento enquanto pesquisadores.

Referências

ARAUJO, A.O; MARTINS FILHO, T.B.; MARINHO, L. Muros que falam: a comunicação na cidade. **Rev. Humanidades, Fortaleza**, v. 30, n. 1, p. 99-114, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rh/article/view/4751> Acesso em: 15 de outubro de 2020.

BUTTNER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**, v. 5, n. 1, p. 4-19, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geograficidade/issue/view/Ver%C3%A3o%202015>>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

CARLOS, Ana Fani Alessandri et al. **Espaço-tempo da vida cotidiana na metrópole**. 2019.

CORRÊA, R. L. Espaço e simbolismo. *In*: CASTRO, I. E. de.; CORRÊA, R. L.; GOMES, P. C. da. C (org.). **Olhares Geográficos: Modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: ed. Bertrand Brasil, 2012. 192p.

CRESSWELL, Tim. **Place: a short introduction**. John Wiley & Sons, 2044.

CRUZ, Dayse Martins; COSTA, Maria Tereza. Grafite e pichação: que comunicação é esta. **Linhas, Florianópolis**, v. 9, n. 2, p. 95 – 112, Jul. / Dez. 2008. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1351>>. Acesso em: 19 de setembro de 2023.

DIÓGENES, G. M. S. **Artes e intervenções urbanas entre esferas materiais e digitais: tensões legal-ilegal**. *Análise Social*, v. 217, p. 682-707, 2015. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/44071981>> Acesso em 19 de julho de 2023.

DIÓGENES, G. M. S.; ECKERT, C.; CAMPOS, R. **As cidades e as artes de rua: olhares, linhas, texturas, cores e formas (apresentação)**. *Revista de Ciências Sociais (UFC)*, v. 47, p. 11-24, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/issue/view/386>>. Acesso em 18 de maio de 2023.

GYTAHY, C. **O que é Graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999. 83p.

HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia-Ano V – Nº 10 – 2003**. Disponível: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13458/8658>>. Acesso em: 18 de outubro de 2021.

LEITE, Adriana Filgueira. O lugar: duas acepções geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências**, v. 21, p. 9-20, 1998. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/aigeo/article/view/6197>>. Acesso em: 18 de outubro de 2021.

LOBO, Vinicius. **Intervenção urbana gráfica: um debate sobre arte, arquitetura e conflito no espaço urbano. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal Fluminense, Escola de Arquitetura e Urbanismo, Niterói, 2018.**

MANCO, T., & NEELON, C. (2005). **Graffiti Brasil**. (No Title).

MOREN, Alice Belfort. A Vida dos Muros Cariocas: o grafite e as apropriações do espaço público de 2007 a 2009. 2009. 137p. il. **Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009**. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/16/teses/718807.pdf>>. Acesso em: 15 de agosto de 2019.

PENNACHIN, D. L. Signos subversivos: das Significações de Graffiti e Pichação. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003>. Acesso em 25 de setembro de 2021.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Grafite, pichação & Cia**. São Paulo: ANNABLUME, 1994, 174p.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

SEAMON, David; SOWERS, Jacob. Place and Placelessness, Edward Relph. **Key texts in human geography**, v. 43, p. 51, 2008. Disponível: <https://www.researchgate.net/publication/251484582_Place_and_Placelessness_Edward_Relph>. Acesso em: 25 de julho de 2023.

SEAMON, David. Lugarização vivida e a localidade do ser: um retorno à geografia humanística? **Revista do NUFEN**, v. 9, n. 2, p. 147-168, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/cgi-bin/wxis.exe/iah/>>. Acesso em: 18 de junho de 2023.

TUAN, Yi-Fu. Place: An experiential perspective. **Geographical review**, p. 151-165, 1975. Disponível em: <[Place: An Experiential Perspective on JSTOR](#)>. Acesso em: 20 de julho de 2023

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Londrina – PR: **Eduel**, 2013. 248p.